

ENTREVISTA | ENTREVISTA | INTERVIEW



SOBRE O LEGADO DE JOSHUA FISHMAN: ENTREVISTA COM OFELIA GARCÍA

Entrevista de Cristine G. Severo*

* Pesquisadora nível 2 do CNPq. Professora associada IV da Universidade Federal de Santa Catarina e docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística e do Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas (UFSC). Lidera o grupo de pesquisa Políticas Linguísticas Críticas e Direitos Linguísticos (CNPq). Email: crisgorski@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2758-6668>

Ofelia García é professora Emérita em Educação Urbana e Culturas Latino-Americanas, Ibéricas e Latinas da City University, em Nova York. Ela é conhecida internacionalmente por seu trabalho em educação bilíngue e educação de alunos/as racializados/as, política linguística, multilinguismo e sociologia da linguagem. Seus conceitos de bilinguismo dinâmico e translinguagem tiveram um impacto significativo na compreensão das complexas práticas linguísticas bilíngues/multilíngues e têm sido o tema de suas inúmeras publicações. Ela também atua no Centro de Pós-Graduação do Teachers College da Universidade de Columbia. Seus livros mais conhecidos incluem: *Bilingual Education in the 21st Century: A Global Perspective* (Wiley-Blackwell, 2008); *Translanguaging: Language, Bilingualism and Education* (com Li Wei, Palgrave Pivot, 2015, com prêmio recebido da Associação Britânica de Linguística Aplicada).

Foi agraciada com dois prêmios relevantes, pela Associação Americana de Pesquisa Educacional: Contribuições para os Contextos Sociais de Educação (2019) e Liderança em pesquisas de Aquisição de Segunda Língua (2017). Em 2022 recebeu o Prêmio ALD (Association of Language Departments) por serviços prestados para a área, pela Associação de Línguas Modernas. Outros reconhecimentos incluem: doutorado honorário da *Bank Street Graduate School of Education* (2016), o prêmio *Charles Ferguson em Linguística Aplicada* (2017) e o prêmio *The Graduate Center's Excellence in Mentoring* (2018). Ela é membro da Academia Nacional de Educação dos Estados Unidos. É editora geral emérita da Revista Internacional de Sociologia da Linguagem, fundada por Joshua Fishman em 1974.

Maiores informações, ver: <https://ofeliaGarciadotorg.wordpress.com>.

A seguir, a entrevista, que foi transcrita, traduzida, editada e revisada. O resultado foi aprovado por Ofelia García¹.

Cristine: Como seus trabalhos e reflexões se vinculam com a área de Sociologia da Linguagem?

Ofelia: Eu acho que a melhor forma de iniciar esta conversa é relatando como eu me conectei com Fishman, pessoal e profissionalmente. Eu era uma acadêmica jovem, não conhecia muito o mundo, estava restrita a ser uma nova-iorquina, uma nova-iorquina cubana, que nasceu em Cuba, mas que morou em Nova York desde os 11 anos. Recebi uma bolsa de pós-doutorado para estudar com Joshua Fishman na Universidade Yeshiva, acho que em 1982. Para mim, este episódio foi transformador, devido às ideias de Fishman, que na época já era um intelectual renomado, em um momento quando não havia internet e facilidade de conexão com outros pesquisadores.

Ele também estava sempre conectado com o mundo, conhecia muito bem sobre a diversidade das línguas e isso vinha desde sua experiência como criança. Ele costumava comentar como começou a se interessar pelo mundo. Tinha uma coleção de selos e se interessou pelos lugares de onde aqueles selos provinham. Além disso, as línguas também faziam parte de seu universo: ele nasceu na Filadélfia, de pais que falavam Iídiche. Eles eram judeus seculares e não ortodoxos. Frequentaram um campo para judeus socialistas e de esquerda na Filadélfia, que era um grande movimento naquela época. Foi quando ele conheceu a sua esposa, Gella Schweid, que também era uma ativista pelo Iídiche. Então língua e identidade sempre constituíram parte importante de sua obra. Mas, penso que o que tornou Fishman importante foi o fato de que ele não se importava apenas consigo, com sua própria identidade, mas projetou sobre os outros seu interesse por identidade e língua. Ele era curioso sobre os outros, sempre quis saber mais sobre todos nós. Eu sempre digo que tudo o que aprendi sobre linguagem, aprendi diretamente com Fishman. Ele me ensinou a melhor lição da vida: de que toda geração precisa compreender por si mesma e de que todo povo precisa compreender-se por si mesmo. E isso me deu toda a liberdade para aplicar (ou não) suas ideias, e aquilo que aprendi ao trabalhar ao seu lado por muitos anos, aos meus próprios trabalhos. Sobre os trabalhos acerca de translinguagem (*translanguaging*), desenvolvidos no final dos anos 1980, eu sou grata. Tanto é que dediquei a Fishman o livro Educação Bilíngue para o Século 21 (*Bilingual Education in the 21st Century: A Global Perspective*, 2009). Discuti com Fishman as ideias sobre translinguagem e em 2009, mesmo não tendo ainda desenvolvido o tanto que hoje tenho sobre a translinguagem, ele pôde conhecer e ver como o embrião era formado por suas ideias, que eu desenvolvi e levei adiante. Posso falar muito ainda sobre isso, mas seria melhor que você me fizesse mais perguntas.

¹ Uma versão completa da entrevista estará disponível no canal do grupo PoLiTiCas no youtube (<https://www.youtube.com/watch?v=WW5SJEqvK8I>).

Cristine: Como você percebe a expansão do campo da Sociologia da Linguagem para além do mundo acadêmico anglo-americano, a exemplo do contexto hispânico e de outros contextos?

Ofelia: Acho interessante a questão. Em nosso contato inicial, você havia mencionado Labov. Para Fishman, o sentido de sociolinguística tinha três pilares: linguística, sociologia e psicologia. Ele sempre se queixou de que o que ocorreu com a sociolinguística foi uma separação do social. Acho que, devido à influência de Labov, na sociolinguística a parte linguística acabou sendo mais enfatizada do que a parte social. Mas Fishman sempre buscou um equilíbrio entre o social e o linguístico. Algumas pessoas o desvincularam da vertente sociolinguística e o colocaram na caixa da sociologia da linguagem. No entanto, para ele, sempre se tratava de sociolinguística. Tratava-se da ideia de que a língua não pode ser divorciada do mundo, do social e do político. Acho que desde o início seu trabalho se tornou mais bem conhecido fora dos Estados Unidos. Por exemplo, havia grupos minoritários nos anos 1980, como os povos Maori, na Nova Zelândia, e Basco, na Espanha, que frequentemente utilizavam os trabalhos de Fishman para reivindicar seus direitos linguísticos. Sei que o povo Maori, na Nova Zelândia, tinha proximidade forte com os trabalhos de Fishman e, inclusive, o conheciam pessoalmente e tinham com ele uma relação regular. Eles vinham regularmente, mesmo ao seu apartamento, no final.

Fishman se aposentou cedo, com 55 anos, porque ele queria dedicar o restante de sua vida à pesquisa e escrita. Geralmente pensamos que pessoas com essa projeção teriam uma fonte ampla de recursos. Mas, não era o caso. Fishman trabalhou na Universidade Yeshiva, uma universidade judaica ortodoxa, no departamento de psicologia do desenvolvimento. Ele se sentia deslocado lá. Sentia que os psicólogos não tinham interesse nos trabalhos de bilinguismo e de língua e sociedade, conduzidos por ele. Tentou então muitas coisas. Por exemplo, quando eu surgi, em meados dos anos 1980, foi no contexto em que ele havia recebido um financiamento para formar psicólogos do desenvolvimento em especialistas multilíngues, de forma que pensasse sobre seus trabalhos em relação com as línguas e as populações minoritárias. Outro contexto no qual ele tinha um impacto era o contexto basco, em um período político ditatorial que havia tornado o uso da língua ilegal. E eles, os bascos, buscavam reverter essa substituição linguística. Penso que as ideias de Fishman sobre a promoção das línguas se fortalece aí. As línguas não são em si mesmas, mas na relação com as pessoas e o que significa para elas continuar a falar uma língua, bem como o respectivo senso de identidade que é criado. Creio que, na Espanha, seus trabalhos influenciaram especialmente os Bascos, mas também, em alguma extensão, os Galegos e, em menor extensão, os Catalães, que tinham mais recursos.

Fishman sempre se interessou pelos menores (“little people”), aqueles com menos poder. Nos Estados Unidos, havia os povos originários e o mundo latino. Por exemplo, ele coeditou o livro Educação Bilíngue para Hispânicos (*Bilingual Education for Hispanic Students in the United States*, 1982), junto com Gary D. Keller). Tratava-se, sim, de prestar atenção na população hispânica dos Estados Unidos, nas desigualdades sociais que eles vivenciavam e no tipo de educação que ele pensava que eles deveriam ter. Além disso, ele era bastante crítico sobre o modo como a educação bilíngue era institucionalizada. Na época eu não entendia e, às vezes, você trabalha com uma ideia por muito tempo e não a assimila prontamente. Foi então se tornando cada vez mais claro para mim como o desenvolvimento da educação bilíngue ocorreu nos Estados Unidos, porque: ela basicamente foi tirada das pessoas e tornada em algo bom para o mundo dominante e majoritário de falantes de inglês, mas sem considerar necessariamente a população minoritária. Fishman esteve próximo do programa que ele chamava de psicologia do desenvolvimento bilíngue. Nós formamos cerca de 20 a 25 psicólogos do desenvolvimento, todas/os latinas/os. Para algumas dessas pessoas, e eu tenho alguns contatos ainda, a experiência foi transformadora. Eles/as nunca mais realizaram nenhum trabalho psicológico com a população hispânica pensando neles como deficientes na língua, mas consideravam o seu bilinguismo como um recurso que trazia algum benefício – cognitivo, mas, sobretudo, social e emocional – importante para a sua identidade e vida nos Estados Unidos.

Cristine: Você mencionou a relação de Fishman com a Psicologia e outras áreas do saber. Como é possível avaliar a dimensão interdisciplinar da Sociologia da Linguagem?

Ofelia: Fishman formou psicólogos sociais no final dos anos 1960. O doutorado dele é sobre isso, com uma tese sobre o Iídiche. Ele era amigo dos Weinreich, de ambos, Uriel e Max, que também eram estudiosos do Iídiche. Na casa dele, sempre havia algum tipo de compromisso com a língua. Eu me lembro de ele dizer que o pai dele perguntava todos os dias “O que você fez pelo Iídiche hoje”?

O pai era um ativista da língua e esse ativismo foi repassado a Joshua Fishman. Sobre a dimensão sócio-psicológica, penso que ele foi mais social do que psicológico. Sobre a interdisciplinaridade e as diferenças entre as sociolinguísticas laboviana e fishmaniana, a abordagem de Fishman sempre foi mais interdisciplinar, trazendo as lentes da sociologia, da ciência política (como a construção do Estado-Nação), da linguística e da psicologia. Ele trabalhou, por exemplo, com atitudes linguísticas, tópico que integrava uma parte grande de seu trabalho, o que tinha uma dimensão psicológica. E tem a educação, também. Alguns sociolinguistas, por vezes, têm interesse em elementos linguísticos ou fatores sociais isolados, mas nunca em aspectos macro. E ele sempre buscou equilibrar – micro e macro –, pois o entendimento do mundo não poderia se dar apenas em um nível. Se você olha para o conjunto de sua obra, você percebe trabalhos sobre educação – há muitos trabalhos iniciais sobre educação bilíngue –; trabalhos sobre políticas e planejamentos linguísticos, orientados tanto para os planejamentos de status, como de corpus; trabalhos sobre língua, etnicidade e identidade; e trabalhos sobre atitudes linguísticas. Esses foram os temas que ele buscou equilibrar e os trazia para casos particulares. É isso o que posso dizer sobre a interdisciplinaridade. Estava lá desde o início. Era sobre a vida dele. Sobre tentar compreender a sua vida e a dos outros. Sua formação em Linguística foi tardia. Ele se tornou amigo próximo de Charles Ferguson e iniciou seus estudos em Linguística com ele. Ferguson ensinou muito sobre Linguística. Mas, claro, ele sempre teve curiosidade sobre questões de língua, seja da dimensão estrutural, seja das conexões com identidade, nacionalismo e outros. Embora a Linguística tenha aparecido academicamente de forma tardia, o interesse pela linguagem o acompanhou no seu percurso pessoal.

Cristine: Quais seriam, hoje, os principais tópicos, temas e/ou metodologias presentes na área de Sociologia da Linguagem, em sua perspectiva?

Ofelia: Acredito que os principais tópicos ainda estão alicerçados nos trabalhos de Fishman; por exemplo, política linguística. Hoje, já deixamos o planejamento para trás. Aliás, na sua vida tardia, Fishman ficava irritado com a ideia de que as línguas pudessem ser planejadas, defendendo que as línguas não podem ser planejadas. Penso que os trabalhos de políticas linguísticas sempre foram importantes e continuam de diferentes maneiras. Ele também era amigo próximo de Bernard Spolsky e Robert Cooper. Eu sempre penso neles como a tríade judaica. Acho que eles desenvolveram esse campo juntos. Cooper morreu primeiro, depois Fishman e, neste ano, Spolsky. E acho que Spolsky expandiu os trabalhos de políticas linguísticas para além da questão da gestão linguística, considerando também os usos linguísticos feitos pelas pessoas.

Geralmente, pesquisadores mais jovens têm dificuldade de pensar nos contextos históricos das ideias. Acho que temos que lembrar que os campos de política e de planejamento linguístico se desenvolveram no início das independências de nações africanas e asiáticas. E, sim, estávamos impondo a nossa epistemologia sobre eles. Fishman nunca falou sobre decolonização; não era o tempo dele. Mas, creio que desde o início ele pensava “O que essas pessoas acham sobre o que dizemos que eles deveriam fazer? Talvez eles devessem estar fazendo isso”. Há uma citação de Fishman, que sempre recordo quando comento esse assunto. Aqui está: “deixe essas pessoas falarem suas próprias palavras ou revelarem seus próprios corações e mentes”². Trata-se, de uma maneira diferente, da ideia de Mignolo de lócus de enunciação. Mas, ele sempre esteve consciente disso. Então, acho que política linguística e planejamento linguístico são tópicos importantes, mesmo tendo assumido novos caminhos.

Ele tinha um interesse particular em manutenção linguística, substituição linguística (*language shifting*) e reversão da substituição linguística (*reversing language shifting*, RLS). Eu não trabalho mais com esses conceitos; depois posso falar mais sobre isso. Mas, acredito que eram importantes na época, quando falamos da defesa dos direitos linguísticos de populações minoritizadas e especialmente porque a reversão da substituição linguística demonstra o seu ativismo social. Ele não se satisfazia em apenas descrever a substituição linguística. Ele queria revertê-la. Daí o ciclo e os passos desenvolvidos por ele para abordar a reversão da substituição linguística e a perda que experimentamos. Apenas uma palavra sobre o modo como expandimos seu trabalho: eu gosto de falar de sustentabilidade linguística e não de manutenção linguística. Quando você fala em manutenção linguística, as pessoas falam de estrutura e entidade autônoma, desvinculada do modo como as pessoas falam. Então, creio que esses são conceitos que, novamente, demandam um impulso. O pensamento e a ação ativista deles [Fishman, Cooper, Spolsky] têm relação com esses conceitos. Também acho que o tópico da educação bilíngue é um ao qual retorno continuamente. Eu seria incapaz de desenvolver

² letting these peoples speak their own words or disclose their own hearts and minds (Fishman, 1996, p. 120).

meu trabalho sobre educação bilíngue sem o que Fishman inspirou ou criou, mesmo que minha posição hoje seja por mais flexibilidade. Penso que esses são os temas importantes.

Em termos de metodologia, Fishman era inicialmente um pesquisador quantitativo. Me lembro que, quando cheguei na universidade de Michigan, ele me disse que deveria aprender a metodologia quantitativa para a pesquisa em ciências sociais e políticas. Retornei e não fiz mais esse tipo de pesquisa porque não dialogava com a minha personalidade. Eu podia compreender as questões envolvidas e ele também entendia essas questões. Ele conhecia a psicométrica. Fiz cursos com ele sobre construção de testes, validade, confiabilidade, todas essas questões psicométricas. Mas, ele estava mais interessado em antropologia médica. Ele tinha mais interesse nisso do que na natureza psicométrica dos testes. Digo isso porque ele era bom com números. E ele fazia isso manualmente, antes de termos o SPSS e SNS, e sem assistência. Os pesquisadores jovens costumam dizer que precisam disso e daquilo. Fishman costumava ir ao correio diariamente e pagava pelos selos, porque a Yeshiva não lhe fornecia muitas coisas. Mas, ele não era assim tão respeitável em metodologia. Ele sempre me dizia isto: se você quer solicitar um financiamento para a pesquisa, primeiro você precisa fazer a pesquisa e depois escrever a proposta, porque daí você realmente sabe o que está fazendo. Ele dizia que a pesquisa dele iniciava com uma posição, tinha um propósito e não era simplesmente objetiva. O propósito era salientar a questão da língua e do bem-estar social para diferentes populações. Ele estava comprometido com aquilo e não pedia desculpas por isso. Para mim, era uma atitude incrível. Aqui uma outra citação, tenho este artigo na minha frente, em que ele fala de pesquisadores: “Eles [os pesquisadores] não podem esperar até que o melhor de todos os mundos possíveis aconteça (pois isso nunca acontecerá), então eles tentam conduzir seus estudos da melhor maneira possível”³. E isso tem sido muito influenciador para mim. Você não pode ter tudo. Você apenas pode fazer o melhor possível. Se você tem um compromisso, uma paixão, você faz o melhor possível.

Eis uma outra citação sobre interdisciplinaridade: “A sociologia da linguagem deve estar em contato muito mais vigoroso com a história social e comparada, com a geografia social e com a ciência política do que com a linguística”⁴. Penso que toda a tendência da política linguística – e da glotopolítica que tem sido praticada na América Latina – já estava lá. Ele sempre teve consciência disso. Há uma outra citação que sempre me surpreende. Ele fala sobre educação bilíngue e começa: “Este é um volume partidário [Nada dessa tolice de ser imparcial, não]. Não é apenas abertamente a favor da educação bilíngue, mas também fortemente a favor de certo contexto para a educação bilíngue: um contexto que a valorize como forma de enriquecimento para todos e para cada um”⁵. Desde o início, ele não é apologético sobre ser partidário de uma coisa ou outra. Por fim, há uma outra citação sobre metodologia, de que eu gosto: “Sinto fortemente que há mais “lá fora” (ainda mais na sociologia da linguagem) do que a ciência pode compreender. E eu tenho uma necessidade pessoal por poetas, artistas, místicos e filósofos, para uma compreensão mais profunda que me intriga”⁶. Aqui há alguém que nunca foi conduzido por números, mas sempre pensou sobre o que os números dizem e como seria possível trazer as outras perspectivas para a interpretação dos números.

Cristine: Por fim, você poderia recomendar alguns trabalhos principais de Fishman, para quem tem interesse em conhecer o legado deixado por ele?

Ofelia: Sim. Creio que há um volume lançado pela Multilingual Matters, que se chama “Língua e Etnicidade na Perspectiva Sociolinguística Minoritária” (*Language and Ethnicity in Minority Sociolinguistic Perspective*, 1989). Acho que aqui você encontra os principais artigos que foram importantes. O livro se divide em (i) o que é etnicidade e como ela se vincula com a linguagem; (ii)

³ They cannot wait until the best of all possible worlds comes to pass (for it never will), so they try to conduct their studies as best they can. (Fishman apud García et al., 2006).

⁴ The sociology of language must be much more vigorously in touch with social and comparative history, with social geography and with political science than with linguistics. (Fishman, 1972, p. 272).

⁵ This is a partisan volume. Not only is it unabashedly in favor of bilingual education, but it is strongly in favor of certain context for bilingual education: a context that values it as enrichment for one and all. I (Fishman, 1976, p. viii).

⁶ I feel strongly that there is more ‘out there’ (even more to sociology of language) than Science can grasp. And I have a personal need for poets, artists, mystics and philosophers too for a deeper understanding that puzzles me (FISHMAN, 1990, p. 123).

manutenção linguística e substituição linguística; (iii) dimensão ética do planejamento linguístico; (iv) língua e etnicidade na educação; (v) elites e bases: contrastes e contextos; (vi) etnolinguística: homogeneidade e heterogeneidade. Para mim, trata-se de uma coleção com artigos que se tornaram influentes, a partir da perspectiva dele. Além disso, alguns de nós fizemos alguns livros na ocasião de seus 80 anos. Eu tenho um texto chamado Sociolinguística Fishmaniana (1949 até o presente) e posso compartilhar a referência bibliográfica. Eu li algumas seções deste meu trabalho no decorrer da entrevista. E o modo como interpreto as ideias e as palavras dele. Acho que isso também é importante. Um resumo do trabalho dele.

Cristine: Agrademos imensamente a sua disponibilidade e generosidade de nos conceder esta entrevista. Temos certeza que ela contribuirá para difundir o legado de Joshua Fishman sobre a perspectiva social de estudos da linguagem.

REFERÊNCIAS

FISHMAN, J. *In Praise of the Beloved Language: A Comparative View of Positive Ethnolinguistic Consciousness*. New York: De Gruyter Mouton, 1996.

FISHMAN, J. *Language in Sociocultural Change: Essays by Joshua A. Fishman*. Standford: Standford University Press, 1972.

FISHMAN, J. *Bilingual Education: a international sociological perspective*. Rowley, MA: Newbury House, 1976.

GARCÍA, O.; SCHIFFMAN, H.; ZAKHARIA, Z. Fishmanian Sociolinguistics (1949 to the Present). *Language Loyalty, Continuity and Change: Joshua A. Fishman's Contributions to International Sociolinguistics*. Bristol, Blue Ridge Summit: Multilingual Matters, p. 3-68, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.21832/9781853599040-002>. Acesso: 31 jul. 2023.



Recebida e Aceita em 07/08/2023.